

## FEMINISMO, GÊNERO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

ANGELA ARRUDA\*

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

### ONDE TUDO COMEÇA

**N**as ciências sociais, os anos 70 testemunharam uma ruptura epistemológica provocada pela contribuição de idéias surgidas no seio do movimento feminista e impregnadas de conteúdo político: gênero, patriarcado, machismo, entre outras<sup>1</sup>. O novo corpo de categorias, que compõe a(s) teoria(s) feminista(s), veio romper com a perspectiva anterior, baseada na teoria dos papéis e na condição feminina, que “aparece como um estado generalizado para todas as mulheres, dado pela natureza, ou seja, pelas suas características biológicas”<sup>2</sup>. O interesse crescente da área pelas desigualdades entre os sexos traz uma renovação ao seu olhar e desestabiliza abordagens anteriores.

É efetivamente no limiar da década de 70 e durante o seu decorrer que a política com P maiúsculo é posta em causa, ampliando seu sentido, passando a abrigar domínios variados. O movimento feminista foi sem dúvida um dos responsáveis pela politização da vida privada, ao desvendar as relações de poder embutidas no convívio entre homens e mulheres, na família, na cama, além da esfera pública em geral.

Apesar da “insularidade dos paradigmas dominantes da psicologia social”<sup>3</sup>, em nossa área encontramos alguma semelhança no percurso, com menor intensidade. Os estudos sobre preconceito e estereótipos, que

---

\* Angela Arruda é doutora em psicologia social pela USP, tendo feito sua formação em representações sociais com Denise Jodelet e Serge Moscovici. Começou sua atuação no movimento feminista em 75, em Paris, transferindo-se depois para Campina Grande, na Paraíba. Atualmente é professora do Instituto de Psicologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde trabalha gênero, saúde e meio ambiente. Sobre estes temas publicou vários artigos e organizou a coletânea *Representando a alteridade* pela Editora Vozes.

marcam o despertar da área para o que virá a ser a questão de gênero, são aqui desdobramento da perspectiva de papéis sexuais, e parecem submergir a de diferenças sexuais<sup>4</sup>. A teoria dos papéis, por sua vez, também começa a ser questionada na virada da década.

Tais novidades não surgem do nada. Elas cristalizam a pressão dos fatos da realidade, a ação e a sensibilidade de grupos de ativistas e de pesquisadores. Enquanto na Europa a crise da psicologia social tomara a forma de uma afirmação das características do pensamento europeu e das necessidades da sociedade, acatando as críticas dos movimentos de 68 a uma psicologia social fechada na sua torre de marfim<sup>5</sup>, na América Latina, coincidindo com algumas destas alegações, ela reclama o resgate de raízes locais, num grito de independência com relação à psicologia americana. Ela busca suporte na teoria marxista, por um lado, e debruça-se novos objetos de estudo, até então não reconhecidos pela academia, geralmente situados no terreno dos dominados. Tratava-se de voltar a produção de conhecimento para a transformação da nossa própria realidade, abandonando a importação de problemáticas, o positivismo obrigatório e a crença na neutralidade da ciência.

Resumindo, o interesse pelas questões de gênero na psicologia apresenta alguma sintonia com o que sucede no restante território das ciências sociais, provavelmente facilitado pela abertura que significou a instauração da crise da psicologia, mesmo se esta não incidiu sobre a totalidade do campo. Tal interesse parece se dar em nosso continente buscando compreender a mulher como objeto da dominação patriarcal, o processo de reprodução desta, mas também a sua constituição como sujeito e as múltiplas identidades que o ser mulher comporta, nos estudos sobre identidade que proliferaram a partir dos anos 80. Vemos então preparar-se, também na psicologia, o que seria a onda seguinte da produção feminista, advinda do fim do sujeito. Contudo, é forçoso reconhecer que a entrada da categoria de gênero na psicologia social, embora tenha provocado mudanças de enfoque e de direção da pesquisa, não encontrou ainda uma sistematização como a que se vê em outras partes do mundo, e por vezes parece não ter atingido o protagonismo que alcançou em outras ciências sociais.

A teoria feminista, entretanto, não é a primeira nem a única cuja entrada em cena se conjuga à crise dos paradigmas. Com efeito, esta adquire, com o passar do tempo, características mais sistêmicas, atingindo as diversas áreas do saber, uma vez que não é uma entidade teórica acima das realidades da vida, mas repercute as vertiginosas transformações pelas quais o mundo passa, a partir da segunda metade do século. A presença da questão ambiental em nosso cotidiano e a teorização que sua problemática vem gerando exemplificam bem esta situação, ao estender o arco da reflexão a várias disciplinas, propondo uma nova maneira de ver a humanidade e seu habitat<sup>6</sup>. Banchs<sup>7</sup> sintetiza a conjuntura de crise da seguinte forma:

A atual crise do paradigma científico e a emergência do paradigma pós-moderno, não pode desvincular-se de um contexto global e globalizante de mudanças, relacionadas com este período histórico que, ademais de fim de século, é de fim de milênio. Pareceria que se trata de uma crise que abarca tudo, uma mudança de *zeitgeist*. Nela se destacam, segundo Fernando Mires<sup>8</sup>, a revolução microeletrônica, a revolução feminista, a revolução ecológica, a revolução política e a revolução paradigmática. A extraordinária modificação produzida pelas novas tecnologias da comunicação; pelo anúncio da morte iminente do patriarcado, (...)”<sup>9</sup>; pela destruição do meio ambiente, pela queda do muro de Berlim e a desdogmatização da ciência moderna, constituem expressões diferentes de um mesmo fenômeno. São para Mires “La cristalización en diferentes campos de una revolución, aquella que “nadie soñó”.

Neste quadro de profundas mudanças, e sobre o solo da necessidade de novas respostas da ciência para os problemas da sociedade vingarão outros conceitos e teorias, como o conceito de novos movimentos sociais<sup>10</sup>, o de imaginário social<sup>11</sup>, a teoria das representações sociais<sup>12</sup>. Os instrumentos conceituais das ciências sociais buscavam afinar-se com os novos tempos, e esta é a marca da transição paradigmática<sup>13</sup>, na qual convivem tanto as propostas emergentes quanto a persistência dos velhos modelos, numa disputa de forças no campo da produção científica.

Passo agora a uma aproximação ao objeto deste artigo, ao focalizar o encontro entre duas herdeiras desta nova conjuntura, a teoria feminista e a

teoria das representações sociais.

Temos então, de maneira simplificada, um campo dividido entre a presença do paradigma dominante da psicologia, e uma resposta a este estado de coisas - marxista, em muitos casos, mesmo se minoritária, mas bastante presente nos anos 70.

### TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E TEORIA FEMINISTA

As duas propostas, que são o foco do interesse aqui, ambas encontraram resistências nas áreas que as viram surgir. No caso da teoria das representações, a obra seminal de Moscovici, *La Psychanalyse, son image, son public*, surgida em 1961, teria que esperar quase vinte anos para tornar-se uma referência na psicologia social. Neste período, debateu-se com a presença hegemônica do behaviorismo no campo da psicologia, e a do marxismo nas ciências sociais, que só arrefeceria com a entrada da perspectiva althusseriana, mais aberta à autonomia das superestruturas, e por conseguinte da produção das idéias<sup>14</sup>.

Somente o degelo de alguns obstáculos epistemológicos possibilitou uma outra situação para estas novas abordagens, no interior de seus respectivos campos. Como sucedera nas ciências "duras", entrávamos na transição paradigmática, muito bem definida por Boaventura de Sousa Santos<sup>15</sup> e Fernando Mires<sup>16</sup> entre outros. A desdogmatização da ciência que ela ocasionou, como diria Mires, permitiu o trânsito de categorias exteriores ao "mainstream", tais como novos movimentos sociais e gênero, nas ciências sociais, ou representações sociais e minorias ativas, na psicologia.

Assim como as representações sociais não são uma criação da psicologia social, mas ganham impulso com a teorização de Moscovici num período em que o interesse pelo simbólico<sup>17</sup> cresce nas ciências sociais, a categoria de gênero, já presente em outras áreas como a antropologia e mesmo a psiquiatria<sup>18</sup>, adquire seu caráter atual a partir dos trabalhos de Gayle Rubin em 1975 e Joan Scott, como é sabido, nos anos 80. Ela é herdeira do intenso debate travado pelas feministas com as perspectivas dominantes, não só no confron-

to mas também na releitura de aspectos destas, como relata Claude Alzon<sup>19</sup>.

Estas novas propostas sintetizam o encontro da crise paradigmática da ciência com o emergir de uma sensibilidade definitiva frente a novos objetos e outras possibilidades de exploração do real, que tem como consequência a elaboração de novas conceitualizações e metodologias. Entretanto, um paradigma não desaparece, mas continua existindo enquanto as idéias em oposição começam a se afirmar. Desta maneira, as novas propostas não criariam unanimidade. Seu encontro com o corpo de conhecimentos científicos existente passa pela celeuma, assume matizes diversos e logo se desdobra em direção a novos questionamentos, o que não é negativo. Esta característica é parte integrante do que vai compor a sua instabilidade. Sandra Harding ilustra-a bem ao comentar que, após entender o caráter “arrasadoramente mítico do ‘homem’ universal e essencial que foi sujeito e objeto paradigmáticos das teorias não-feministas”<sup>20</sup>, as feministas passaram a questionar a utilidade de uma análise que tem por objeto e sujeito uma mulher universal, que desconhece a variedade de experiências das mulheres de todos os quadrantes.

Vejamos então alguns pontos de contato entre categorias deste tipo.

Antes de mais nada, salta aos olhos que elas contrariavam o que estava estabelecido, não só por se referirem a temas e objetos de estudo vistos como “menores”, não “legítimos” pela academia, como a mulher, ou o conhecimento leigo, mas também pela sua forma de trabalhá-los. Elas se dirigem a fenômenos que são ao mesmo tempo processos e produtos. Para fazê-lo, vão recorrer a metodologias nem sempre consagradas, sobre as quais infelizmente não poderei me voltar, apesar do peso que têm nesta discussão. Apenas pontuo que tanto no caso da representação social, como no da teoria feminista, vemos a preferência por metodologias voltadas para a escuta dos sujeitos, interessadas na sua experiência e na forma como a relatam. Isto desestabiliza de certa forma a díade pesquisadora(o) pesquisada(o), ao tomar o saber desta/e última/o como legítimo, mesmo se não sacramentado pela ciência<sup>21</sup>, o que contraria o cânone vigente.

Assim, ambas colocam em pauta questões incômodas. Outra delas é a

das reações à dominação, tendo às vezes sido gestadas no próprio seio da contestação, como no caso da teoria feminista. Ela escancara para a ciência a dimensão política do problema: a questão do poder não pode mais ser contornada. A ciência se aproximava mais do cotidiano das pessoas.

Ambas se alinham, portanto, no questionamento ao paradigma, que pretende ignorar as ideologias e tende ao reducionismo. As teóricas feministas ressaltam a importância do contexto cultural, histórico, normativo e emocional dos comportamentos. Criticam a sua falta na pesquisa em psicologia<sup>22</sup>. Acreditam que esta falha possibilita sobredimensionar o papel da personalidade na explicação do comportamento<sup>23</sup>, o que se afina com a crítica de Farr<sup>24</sup> relativa à psicologia individualista, característica da produção americana. Este autor opõe tal produção, que privilegia a visão e o papel dos indivíduos, à vertente sociológica da psicologia social, na qual insere a teoria das representações sociais pela sua consideração quanto ao contexto sociocultural, institucional e coletivo no qual estão inseridos os sujeitos.

A crítica à subestimação do saber não-científico<sup>25</sup>, por sua vez, bem como a afirmação da importância da experiência subjetiva e do impacto da pesquisa sobre a sociedade, como princípios úteis para a teoria e a pesquisa em ciências sociais<sup>26</sup>, estão em consonância com a crítica moscoviciana implícita no interesse que o estudo das representações expressa pelos saberes do senso comum, e em particular sobre a transformação que sofre o saber científico quando penetra no mundo dos leigos<sup>27</sup>.

A crítica ao dualismo tenta apagar os limites entre natureza e cultura que tornam a aparecer no pensamento ocidental moderno sob a forma da separação entre razão e emoção, objetividade e subjetividade, mente e corpo, abstrato e concreto, ou público e privado. A teoria feminista ataca severamente estas bipolaridades<sup>28</sup>. Os gêneros não podem ser considerados fora da relação que promovem entre si, nem desconsiderar o princípio dicotômico-hierárquico que ordena a sociedade e que as mulheres desejam mudar<sup>29</sup>. A teoria das representações sociais responde à mesma crítica ao propor uma perspectiva relacional: não separa o sujeito do objeto, mental do material, nem a razão da emoção, já que não deixa de levar em conta o componente

afetivo na construção do conhecimento.<sup>30</sup>

As afinidades entre teorias emergentes como a teoria feminista e a teoria das representações sociais fazem, portanto, parte de um movimento mais amplo de relação com o real e de construção do conhecimento científico por parte destas e de outras teorias emergentes. É assim que elas evocam uma renovação da psicologia: obrigam a revisão de velhas aquisições, trazem um novo olhar aos problemas, desestabilizam antigas certezas. Tal como a teoria feminista, a teoria das representações sociais estampa o mesmo empenho desconstrucionista frente aos problemas humanos. A teoria feminista vai visibilizar facetas desconhecidas até então ao descortinar a situação das mulheres, tanto com relação a problemas já identificados quanto a outros, que estavam por abordar. A teoria das representações sociais vai visibilizar facetas omitidas do conhecimento humano, valorizando o saber do senso comum, o universo consensual das conversações cotidianas e a criatividade das pessoas comuns ao traduzir a realidade.

Ainda enquanto teoria, já se disse que não há uma, mas várias teorias feministas, que ela passa da mulher universal para o estudo das identidades múltiplas ou nômades<sup>31</sup>, da insistência à desistência do interesse pelo gênero<sup>32</sup>, da visão dos gêneros em relação à da fusão dos mesmos na androginia (que por sua vez também sofre modificações de enfoque, segundo Lorenzi-Cioldi<sup>33</sup>).

A teoria das representações sociais, embora insistindo em afirmar fidelidade à teoria original, criada por Moscovici, também se desdobrou em outras perspectivas, com ênfases diferenciadas, ainda que de outra índole. Elas estabelecem abordagens teóricas diferentes, com base na estrutura interna, cognitiva, da representação<sup>34</sup> ou nos princípios que a organizam, tributários dos aspectos sociológicos dos que produzem a representação<sup>35</sup>. Na vertente da teoria original, dando especial atenção à manutenção e transformação das representações, os trabalhos de Jodelet mantêm a ênfase na ampla base descritiva dos fenômenos de representação e nos seus suportes<sup>36</sup>, o que apresenta grande afinidade com o que se vê em muitas das pesquisas feministas. Esta diversidade se deve em parte ao fato de que Moscovici, ao recusar-se a encaixar a teoria das representações sociais em

definições demasiado limitantes, estimulou uma fluidez que permitisse justamente um processo de instabilidade relativa da teoria.

Em termos de aplicação, outras afinidades se apresentam. Por um lado, o trânsito destas duas teorias por áreas diversas de saber indica ao mesmo tempo a sua vocação para abordar temas que não se acantonam numa única especialidade e a abertura transdisciplinar, que vai se dando entre os campos. Assim, a teoria feminista circula hoje não só nas ciências sociais, que já foram abordadas, mas também na filosofia<sup>37</sup> e nos estudos culturais e literários<sup>38</sup>, onde tem enorme desenvolvimento. As questões de gênero, aliás, dificilmente se encerram em divisórias; geralmente atravessam fronteiras disciplinares quando são devidamente problematizadas. Da mesma maneira, as representações sociais são a substância do pensamento social, não se acomodando numa ou noutra gaveta do saber. Elas não são patrimônio da psicologia social e na verdade devem à história das mentalidades sua sobrevivência enquanto conceito<sup>39</sup>, depois do abandono das representações coletivas de Durkheim<sup>40</sup>. Assim, vamos encontrá-las em todas as áreas das ciências sociais, mas também aplicadas à saúde<sup>41</sup>, à educação<sup>42</sup>, ao meio ambiente<sup>43</sup>, demonstrando seu potencial para a compreensão de problemas de diversos horizontes.

Um outro ponto de encontro entre a aplicação das duas teorias deriva da sua difusão crescente, que vem problematizá-las. Com efeito, é comum que o gênero se incorpore às pesquisas enquanto uma variável para substituir a de sexo, sem levar em conta sua complexidade. A própria possibilidade de financiamento de pesquisa oferecida pelas organizações internacionais a partir da Década da Mulher, bem como a exigência de algumas entidades de inclusão do gênero nos projetos para que fossem financiados, ampliaram a aplicação, mas também, em muitos casos, a simplificação, devido ao uso por obrigação. Ao deixar de lado a densidade originalmente implícita na categoria, ela se despolitiza e empobrece. Algo semelhante sucede com as representações sociais ao se tornarem uma referência interessante: inseridas em trabalhos que não levam em conta seus processos constitutivos, sua estrutura, nem tomam maiores cuidados metodológicos para a sua coleta e análise, elas se transformam em citação oca. Assim, ambas teorias correm os riscos do “modismo”<sup>44</sup> e



podem sofrer fragmentação, perder sua força explicativa quando os trabalhos que as reivindicam descontextualizam o conceito de gênero ou de representações sociais, destacam-no da teoria que o origina<sup>45</sup> e que lhe dá sentido, substituindo, em fim de contas, a teoria pelo conceito.

## OS PROJETOS EPISTEMOLÓGICOS

Após elencar o conjunto de pontos comuns entre as duas propostas, caberia encará-los de um outro patamar, que permita perceber melhor a densidade destas afinidades e também apontar algumas diferenças significativas. Para fazê-lo, vou partir do enfoque do projeto epistemológico que cada uma delas contém.

A discussão sobre uma epistemologia feminista tem transcorrido sobretudo nos países de língua inglesa, e é interessante a síntese que Uma Narayan, num texto que se intitula exatamente *The project of feminist epistemology*,<sup>46</sup> produz a partir de um olhar não ocidental. Ela aponta três temas importantes na agenda do projeto:

solapar a imagem abstrata, racionalista e universal do trabalho científico, usando várias estratégias; reintegrar valores e emoções presentes nas atividades de produção do conhecimento realizado pelas mulheres, propondo a inevitabilidade de sua presença e importância da contribuição que são capazes de oferecer à produção do conhecimento e o ataque às várias formas de dualidade que caracterizam o pensamento filosófico ocidental – razão /emoção, cultura/natureza, universal/particular.

Outro aspecto marcante é que “em uma dimensão mais geral, a epistemologia feminista reúne os esforços dos grupos oprimidos a fim de exigir, para si, o valor de sua própria experiência”.

A crítica da ciência ataca, por esta via, o viés de gênero, e afirma que numa sociedade como as nossas, mulheres verão e entenderão de forma diferente dos homens<sup>47</sup>. Este tipo de afirmação, que parte também do corpo para pensar a especificidade feminina<sup>48</sup>, rejeita a crítica de essencialismo argumentando basear-se na idéia de que uma “sociabilidade generalizada e o lugar dado às mulheres lhes dá uma perspectiva diferen-

te. Isto poderia fornecer-lhe uma prática diferente da ciência. Isto também significa que o pensamento sustenta a marca das características sociais do pensador” que é, “o conteúdo e a forma do pensamento, ou as idéias e os processos através dos quais as idéias são geradas e compreendidas, são afetadas pelos fatores sociais concretos entre os quais o gênero se encontra.”<sup>49</sup>.

É inegável que não existe “um”, mas vários feminismos, e os grandes eixos do projeto epistemológico feminista podem receber traduções diferentes. Na sintaxe da desconstrução do gênero, o projeto se apoiaria em três pilares: a ruptura radical entre a noção biológica de sexo e a de gênero; a primazia desta e de seu caráter relacional, de maneira a negar qualquer substancialidade às categorias de homem e mulher, masculino e feminino; a transversalidade do gênero como construção social que passa as diferentes áreas do social<sup>50</sup>. Romper com a essência feminina ou masculina e com a determinação biológica seria a base para erigir um novo paradigma que se traduziria nos estudos de gênero, e onde o simbólico seria englobante do cultural, social e econômico, em contraposição ao biológico. Machado<sup>51</sup> insiste: “trata-se da construção de um paradigma que reivindica, radicalmente, o caráter simbólico das relações de gênero e que aponta tanto para uma diferenciação quanto para uma indiferenciação, para um número qualquer de gêneros e para a *instabilidade* de quaisquer caracterizações.”

Temos aqui a proposta de um paradigma do *standpoint*, no qual a posição do sujeito cognoscente é determinante para sua percepção, mas para algumas, a divisória que demarca esta posição pode ser móvel. Para Donna Haraway, por exemplo, “não existe um ponto de vista único no feminismo pois nossos mapas requerem muitas dimensões para esta metáfora fundamentar nossas visões. O objetivo das teóricas feministas é uma epistemologia política do engajamento, cujas posições demarcadas permanecem poderosas. O objetivo é uma melhor apreensão do mundo, que é a “ciência”<sup>52</sup>.

O *situated knowledge* para Haraway assim, é a base da objetividade feminista, integrando conceitos cognitivos e contextuais da produção científica<sup>53</sup>. Cada uma destas vertentes recebe críticas: no primeiro caso, além do temor ao essencialismo, surgem as reflexões provenientes de mulhe-

res dos países do sul, lembrando que a negação total do positivismo esquece que ele faz parte de uma proposta mais ampla que valoriza o indivíduo, abre espaço para a mulher, o que ainda está longe de ser o caso em muitos daqueles países. Também se questiona o “privilégio epistêmico” oriundo da experiência específica das mulheres. Ser oprimido não é garantia de que se pensa como tal, assim como não sê-lo não implica obrigatoriamente ser insensível<sup>54</sup>. As mulheres de outros quadrantes desejam ver seu *situated knowledge* contemplado. Assim, é preciso estar atenta para não construir novos dogmas a partir de uma perspectiva etnocêntrica e criar novas camisas de força para o pensamento. O próprio *situated knowledge*, que não é privilégio desta corrente do pensamento feminista, é questionado. Gergen indaga em que bases devem ser justificadas as patentes do conhecimento feminista, como saber se a paixão é garantia de acesso a um conhecimento sólido, e como assegurar que, se o que conta é a experiência feminina, não se repetirá o que as mulheres criticam nos homens com relação a elas<sup>55</sup>.

No segundo caso, alerta-se para o perigo da dissolução completa do sujeito feminino na sua contínua fragmentação, da absolutização do discurso como produtor do real, tornado objeto único de interesse e de estudo, e questiona-se se a radicalização desta perspectiva não terminaria por dificultar a concretização da proposta de transformação da situação, ao apagar a identidade como ponto de unificação das mulheres, para lutarem pelo que desejam. Evidentemente, este debate não termina com estas críticas, que geram sua réplica, e assim sucessivamente, num movimento constante.

Muito haveria, portanto, a dizer a respeito da epistemologia feminista, porém as restrições de espaço e tempo obrigam a esta resumida menção de suas grandes tintas. Correndo o inevitável risco de simplificação das leituras existentes, apontei apenas, de forma bastante ligeira, duas perspectivas. A primeira resgata aspectos da representação da mulher ou da feminidade, como a emoção, o corpo, embora sob nova roupagem - a da cultura, e a segunda<sup>56</sup>, mais ligada à instabilidade, em que o contorno das identidades de gênero torna-se borrado e as próprias categorias conceituais aceleram sua mobilidade<sup>57</sup>. Poderíamos considerar este quadro, *grosso modo*, como atravessado por duas grandes linhas de pensamento: o universalismo

e o diferencialismo. O primeiro, aponta a herança do iluminismo, que afirma a necessidade de incorporar todos sob a bandeira do um. O segundo, inspirado de início na psicanálise, com seus dois modos de relacionamento com o mundo, o masculino e o feminino, logo se dirige a uma terceira via, nascida da filosofia francesa, mas desenvolvida, sobretudo, nos Estados Unidos como pós-moderna. Aqui, não há um nem dois, mas sobretudo o movimento de diferir que atravessa e dissemina os sexos, afirma Collin<sup>58</sup>.

O projeto epistemológico feminista, vê-se logo, é bastante ambicioso. Ele inclui uma proposta de mudança que vai muito além da crítica à ciência. Esta é fundamental, na medida que determina o estilo de pensar e de conhecer que define o mundo ocidental e seu autoconceito. O pensamento ocidental é posto em causa, na medida que ele dá a chave da leitura do mundo. A ciência, aqui, não se separa da política, dos jogos de poder que concorrem para a situação subordinada das mulheres.

Esta nova abordagem, se não construiu um novo paradigma, inscreve-se no movimento que fez emergir um novo estilo de fazer ciência, com mais espaço para a subjetividade, para a qualidade, para o simbólico, para a ética, e menos para a hierarquia, a dicotomia, a redução, o que está em sintonia com correntes contemporâneas das ciências humanas em geral<sup>59</sup>. Esta proposta indica a necessidade sentida pelas feministas de uma redefinição da razão que fuja ao cânone estabelecido - pelos homens, pela ciência, pela cultura em geral - alargando seu escopo, ressignificando-a, para contemplar tudo que foi esquecido, como Gilligan<sup>60</sup> demonstrou ao estudar o julgamento moral.

O projeto epistemológico da teoria das representações sociais coloca-se num outro plano, sem dúvida, aparentemente bem mais modesto. Vejamos alguns de seus pontos fortes, talvez encontremos aí uma ambição de outra ordem. Enquanto o projeto epistemológico feminista tem seu ponto de partida no pensamento que brota do movimento, sendo posteriormente sistematizado na academia, e possui portanto uma visada política com íntima contestação do poder, o da teoria das representações sociais, embora não seja indiferente às questões de sociedade, surge em outro cenário. Claro está que, como qualquer teoria científica,

ela não se desvincula do seu tempo nem do seu contexto. Com efeito, os fundadores de teorias, cujo valor se comprova pela aplicação e reflexão que ensejam, como é o caso desta, que já completa seus 40 anos, são pessoas que têm o privilégio de dar forma a respostas que se fazem necessárias em um momento dado, para fazer avançar o trabalho da ciência. É o caso de Serge Moscovici e de Denise Jodelet.

Moscovici está empenhado em entender porque a crença move montanhas e vai retomar o conceito de Durkheim para remodelá-lo, dando-lhe uma feição condizente com os tempos atuais: as representações coletivas constituíam um grande guarda-chuva cobrindo mitos, religiões, linguagem, etc. e ao mesmo tempo eram uma grande abstração, o que certamente concorreu para eclipsar o conceito por tanto tempo<sup>61</sup>. O que interessa a Moscovici no conceito é o fato de Durkheim introduzir, com ele, a idéia de que as crenças são racionais, e são racionais porque são coletivas. O que Moscovici descarta no conceito é seu caráter estático e a generalização a que ele induz, a qual tende a obnubilar as diferenças em prol das semelhanças, a ponto de tornar o indivíduo um ponto cego na construção do conhecimento. Moscovici aceita então a encomenda que Durkheim fizera à psicologia social e vai se dedicar ao estudo da transformação das idéias - das teorias científicas, em particular - ao circularem na sociedade. A psicanálise será a primeira, inaugurando a teoria das representações sociais.

O projeto epistemológico, aqui, passa pela busca de entendimento de uma forma de conhecer específica, aquela que emana das pessoas comuns e caracteriza os grupos. Implica, como numa das vertentes do projeto anterior, especial atenção à produção "situada", aquela que é iluminada pela posição de quem fala. A diferença, porém, é que não vai atribuir-lhe um privilégio, mas apenas uma singularidade. Para calçá-la, a teoria das representações sociais apoia-se em Lévy Bruhl e em Piaget, que atestam a diversidade de modos de conhecer e de construir a realidade, segundo o tipo de sociedade e a etapa da vida dos indivíduos, sem menosprezar nem o pensamento místico nem o infantil, mas sem entronizá-los tampouco .

Esta empreitada, contudo, vai demandar o abandono de pontos de vista

estabelecidos e adoção de novos. Uma “different psychology” seria necessária “para elucidar o sentido destas formas das crenças e do reconhecimento da preeminência do social, numa recuperação da perspectiva que ilumina estes fenômenos considerados como parte normal da cultura e de nossa vida na sociedade<sup>62</sup>. Aqui, uma longa discussão poderia ser desenvolvida sobre o sentido desta “different psychology”, levando em conta que, por um lado, a proposta moscoviciana instaura uma certa fluidez nas categorias conceituais, preferindo deixar folga nas definições e flexibilidade nas metodologias, em benefício da maior criatividade dos pesquisadores e da possibilidade da descoberta<sup>63</sup>. Por outro, o projeto epistemológico nega alguns dos pressupostos da forma de encarar o conhecimento que são esteios do pensamento ocidental. Com efeito, as representações sociais na teorização psicossocial francesa oferecem uma fecunda abertura para o entendimento de como se dá a compreensão/construção do mundo pelos sujeitos, ao partir de uma perspectiva de construção social da realidade que sacramenta a indissociabilidade sujeito/objeto, passado/futuro, real/ideal, que é também a indissociabilidade pensamento/ação. Assim, práticas e representações encontram-se absolutamente associadas. As polaridades dicotômicas veem-se, portanto, abaladas. Os métodos pouco ortodoxos para a época (entrevista, análise de conteúdo) completam o quadro que atraiu as críticas de praxe por parte do *establishment* científico.

A cruzada deste projeto epistemológico é, portanto, em prol do conhecimento corrente, do saber concreto, do sentido comum. Em entrevista recente a Ivana Marková, Moscovici declara que reagiu contra a idéia de que as pessoas não pensam racionalmente, já que produziram teorias irracionais como o racismo e o nazismo. Ele contra-ataca: a primeira violência anti-semita aconteceu nas universidades, não nas ruas<sup>64</sup>.

Entender como se conhece, como se elabora a novidade com a qual nos defrontamos a todo instante no complexo mundo da informação em que vivemos, e como, ao fazê-lo, transformamos as mais sofisticadas teorias em matéria prima da mais banal conversa cotidiana; identificar a racionalidade contida do senso comum, reabilitando-o, são os pontos nodais do projeto epistemológico das representações sociais. O peso desta busca da racionalidade

dos processos de transformação do saber - de científico em consensual - contudo, se bem que ressaltou a criatividade das pessoas comuns, dos grupos e do pensamento social, talvez tenha impedido de dar aos processos afetivos presentes neste movimento uma maior atenção, o que demandaria ultrapassar com mais largueza o umbral da atitude, registrada como dimensão da representação social. Sem dúvida, o lugar da emoção no projeto feminista é bem mais amplo do que no dos estudos de representação social.

### PARANDO POR AQUI

Temos, então, nestas rápidas considerações sobre os projetos epistemológicos, que estão longe de encará-los em sua completude e complexidade, as bases de aproximação e distanciamento entre eles.

A epistemologia feminista, ao proclamar a experiência das mulheres como característica de uma cultura específica, torna-a uma modalidade de saber local e propõe para a agenda feminista uma antropologia da cultura moderna, como Moscovici com as representações sociais. Porém, planta nela o germe de um novo "centrismo", o ginocentrismo, a partir do privilégio epistêmico das mulheres. No projeto das representações sociais, o reconhecimento dos saberes locais coloca-os como fontes de especificidade, sem atribuir-lhes um privilégio que os hierarquize.

A raiz desta diferença, e de outras entre os dois projetos, poderia situar-se nas suas origens. A teoria feminista, ao partir de um projeto político, pretende ir além da mera compreensão dos fenômenos de opressão e subordinação. Compreendê-los torna-se uma atividade-meio para a meta de transformação das relações entre os gêneros. A experiência feminina, tomada como um sistema cultural, é colocada no mesmo pé que o senso comum, este saber baseado na confiança que se tem do seu valor e da sua validade, como disse Geertz<sup>65</sup>. Ou seja, de ocultada e desconsiderada pelo *mainstream*, ela passa a ser considerada como fonte de conhecimento, e deve ser desvendada, propagando-se o que tem de interessante. Isto pode até "significar novas formas de examinar problemas antigos, principalmente os que se relacionam com a maneira como a cultura é articulada e fundida..."<sup>66</sup> Já o projeto da teoria das representa-

ções sociais, embora oriundo da profundidade da realidade cotidiana, resgata o senso comum enquanto compartilhado pela sociedade como um todo<sup>67</sup>, entretecido com a nossa linguagem e constitutivo das nossas relações e habilidades, mas não se (nem o) coloca no terreno político<sup>68</sup>. A questão do poder, desta forma, é um ponto nodal no primeiro mas não no segundo. O primeiro traz embutida uma teoria da ação, enquanto o segundo é uma proposição analítica.

A questão da racionalidade, como fulcro da modernidade é retomada por ambos projetos, embora com interesses diversos. Tanto o pensamento feminista quanto o moscoviciano atacam o postulado de redutibilidade, que proclama um modelo único de racionalidade e menospreza as demais, seja a dos “primitivos”, a das crianças ou das mulheres<sup>69</sup>. Apenas, tendo em vista os aspectos abordados acima, o feminismo coloca-se como crítica da modernidade, seu projeto é muito abrangente e sua vocação para a ação o leva a atuar neste sentido, enquanto o projeto da teoria das representações sociais não se dedica a este objetivo; seu escopo é mais reduzido, embora não deixe de ser uma visão crítica também. É sobretudo a própria psicologia que está posta em questão pelo projeto das representações sociais, que é um projeto de psicossociologia do conhecimento. Sua intenção, como já foi dito, é compreender a química da incorporação das novidades, da mudança das teorias em saber do senso comum, da construção do pensamento social. *Mutatis mutandis*, ele vai propor metodologias igualmente dissidentes dentro da área, assim como os estudos feministas o fazem em suas respectivas áreas<sup>70</sup>.

#### PARA FINALIZAR

As representações sociais se fazem presentes na abordagem de várias teóricas feministas, uma vez que o simbólico é parte da construção da subjetividade e dos gêneros<sup>71</sup>. Contudo, o inverso não é tão verdadeiro: não são muitos os estudiosos do campo psicossocial das representações sociais que têm se dedicado à problemática do gênero. Citarei, apenas, como ilustração, alguns autores que vêm cruzando com galhardia esta ponte movediça na



psicologia social.

Verena Aebischer talvez seja a primeira a se aventurar nesta travessia, a partir da perspectiva moscoviciana da importância da conversação na vida cotidiana, com seu trabalho sobre as mulheres e a linguagem que depois se diversifica, interessando-se mais recentemente pela educação das meninas e preferências profissionais<sup>72</sup>.

Fábio Lorenzi-Cioldi<sup>73</sup> coloca-se numa outra vertente, ao trabalhar com a androginia, recuperando sua história desde a mitologia até se transformar em categoria da psicologia. Indica a mudança das representações num percurso oposto ao da psicanálise no estudo seminal de Moscovici. Ele assinala a instabilidade das categorias da psicologia na sua crítica à descontextualização que ela procedeu ao utilizar a noção de androginia. Demonstra então que a androginia é uma representação social em íntima relação com o grupo onde se dá, interligando assim as categorias de identidade, representação e relações grupais.

Duveen e Lloyd<sup>74</sup> propõem “um modelo para o estudos das diferenças entre sexos fundamentado nas teorias sociopsicológicas europeias”<sup>75</sup>, que explora a interface indivíduo/sociedade, a partir de pesquisas com crianças baseadas nas teorias das representações sociais de Moscovici e das relações intergrupais de Tajfel. Duveen<sup>76</sup> mostra a existência de mais de uma identidade entre as meninas, indicando um espectro de possibilidades dentro do espaço representacional do gênero e também uma dimensão temporal na construção dessas identidades, que se desenrolam ao longo do tempo. Afina-se, assim, com as perspectivas mais recentes da(s) teoria(s) feminista(s) a respeito da identidade e da subjetividade em suas múltiplas possibilidades. Este parece ser um bom exemplo da potencialidade dos estudos de representações para o aprofundamento das perspectivas de gênero.

Na América Latina também não somos muitas a perseguir este encontro entre as duas perspectivas, e eu apontarei poucos exemplos.

Fátima Flores considera que a categoria de gênero como ferramenta metodológica permite descrever as condutas sociais dos sujeitos mas não dá conta, sozinha, de delimitar os componentes simbólicos nem a articulação socio afetiva na interação social<sup>77</sup>. O conceito de representação social

para ela, acerta ao articular determinantes simbólicos dos fenômenos sociais e determinantes sócio-estruturais. Ele se torna assim peça importante para compreender o processo de construção subjetiva do gênero e não unicamente o resultado desta construção.

Já Maria Auxiliadora Banchs vem trabalhando em vários planos. No plano empírico, desenvolve trabalhos enfatizando a indissociabilidade entre cognitivo e afetivo que estão sempre presentes ao encarar a questão de gênero<sup>78</sup>, e estampa seu claro compromisso com a mudança, trazendo questionamentos e contribuições para pensar as políticas públicas de um ponto de vista não discriminatório. No epistemológico, não hesita em questionar a postura das representações sociais no debate com as correntes ditas pós-modernas. Acredita que "los planteamientos feministas, en términos de la resignificación de las relaciones de género, están llamados a ocupar un lugar central, a servir como de hilo conductor, en la búsqueda de lo que designa como un nuevo sentido común con más sentido, no obstante que menos común".<sup>79</sup> Desta forma, Banchs propõe um encontro no qual ambas as partes se fecundem mutuamente, e acusa ao mesmo tempo a instabilidade conceitual de cada uma, ao discutir os propósitos da crítica discursivista à teoria das representações sociais e a perspectiva pós-moderna da ciência. Chama, então, à criação de uma nova consciência, que possibilite outras formas de relacionamento e de simbolização cultural dos gêneros.

A reflexão sobre aproximações e distanciamento entre representações sociais e teoria feminista poderia prosseguir ainda por um bom tempo, porém é hora de encerrar este texto, que apenas inicia tal tipo de elucubração. A questão que permanece é: diante destes pontos de convergência e divergência, que certamente não são os únicos, mas dão indícios de mais afinidades do que dissonâncias, o que faz com que estes dois projetos mantenham relações quase cerimoniosas, embora simpáticas? A produção relativa à questão de gênero no campo das representações sociais é reduzida, e a utilização da teoria psicossocial das representações sociais pelos estudos de gênero também. Seriam aqueles pontos de divergência suficientes para esta dificuldade de entrosamento - pouca atenção à emoção, à subjetividade, não tratamento da questão do poder? Seria a maré desconstrucionista radical, instalada no coração da produção sobre os

gêneros - os países anglo-saxões - um novo obstáculo ao projeto das representações sociais? Ou este encontro das teorias de representações sociais e feministas indica, neste momento de recrudescimento de questionamentos epistemológicos, com as propostas desconstrucionistas, que suas instabilidades respectivas podem ser mutuamente fecundantes? A inclusão de novas categorias que se afinam entre si e criticam estes paradigmas na abordagem da questão de gênero não estaria trazendo à tona uma nova proposta para a psicologia? Estaríamos, então diante de uma nova possibilidade paradigmática, onde a instabilidade comanda a exigência de encontros entre teorias diferentes (mas complementares segundo as necessidades que o objeto de estudo impõe), e acarreta a reflexão permanente sobre as próprias categorias da psicologia?

Deixo aqui estas questões para provocar a reflexão e o debate.

## NOTAS

<sup>1</sup> L. Scavone. "Recursos conceituais: feminismo e ciências sociais", in Scavone, L. (org.) *Tecnologias reprodutivas: gênero e ciência*. São Paulo, EDUNESP, 1996.

<sup>2</sup> Scavone. *Op. cit.*, p. 52.

<sup>3</sup> A. Gerard Duveen. «Construção da alteridade», in Arruda, A. *Representando a alteridade*. Petrópolis, Vozes, 1998.

<sup>4</sup> B. Lloyd. «Différences entre sexes», in Moscovici, S. (dir.) *Psychologie sociale des relations à Autrui*. Paris, Nathan, 1994.

<sup>5</sup> Serge Moscovici. «Le grand schisme» *Revue Internationale de Sciences sociales*. 1973,25(4):479-490.

<sup>6</sup> I. Sachs. *Stratégies de l'écodéveloppement*, Paris, Editions ouvrières, 1980; J. P. Dupuy. *Introdução à crítica da ecologia política*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980; M. Serres. *O contrato natural*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1991; L. Ferry. *Le nouvel ordre écologique: l'arbre, l'animal et l'homme*. Paris, Bernard Grasset, 1992.

<sup>7</sup> Maria Auxiliadora Banchs. «Representaciones sociales al umbral del siglo XXI.

Reflexiones hacia un sentido común menos común y con más sentido. Comunicación personal», *Simpósio Internacional sobre representações sociais: questões epistemológicas*, Comunicação pessoal, Natal, 1998: 2-3.

<sup>8</sup> Ferdinando Mires. *La revolución que nadie soñó o la otra posmodernidad*. Caracas, Nueva Sociedad, 1996.

<sup>9</sup> Elisabeth Badinter. *L'amour en plus; Histoire de l'amour maternel (XVIIe.- XXe. siècle)*. Paris, Flammarion, 1986.

<sup>10</sup> A. Melucci. *L'invenzione del presente: movimenti, identità, bisogni collettivi*. Bologna, Il Mulino, 1982, Evers, T. Identidade: a face oculta dos novos movimentos sociais, *Novos Estudos CEBRAP*, 1984, 2 (4):11-23.

<sup>11</sup> Cornelius Castoriadis. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982 B. Baczko. *Los imaginarios sociales. Memorias y esperanzas colectivas*. Buenos Aires, Nueva Visión, 1984.

<sup>12</sup> Serge Moscovici. *La psychanalyse, son image, son public*. Paris, PUF, 1961 e 1976. Denise Jodelet. «Représentations sociales: un domaine en expansion». In Jodelet, D. (org.) *Les Représentations sociales*. Paris, PUF, 1989.

<sup>13</sup> Boaventura de Souza Santos. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro, Graal, 1989.

<sup>14</sup> Denise Jodelet. *Op.cit.*

<sup>15</sup> Boaventura de Souza Santos. *Op.cit. Idem. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo, Cortez, 1995. *Idem, Um discurso sobre as ciências*. Lisboa, Afrontamento, 1998.

<sup>16</sup> Fernando Mires. *Op.cit.*

<sup>17</sup> Mary Jane Spink. Apresentação. In Spink, M.J. (org.) *O conhecimento no cotidiano - as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo, Brasiliense, 1993.

<sup>18</sup> R. J. Stoller. *Sex and gender*. New York, Science House, 1968.

<sup>19</sup> Claude Alzon. *Femme mythifiée, femme mystifiée*. Paris, PUF, 1978.

<sup>20</sup> Sandra Harding. «A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista», *Revista de Estudos Feministas*, 1(1), 1993:8.

<sup>21</sup> Serge Moscovici. *La psychanalyse, son image, son public*. *Op.cit.*

## FEMINISMO, GÊNERO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

<sup>22</sup> J. Meyer. «Pensamento feminista e psicologia social», in Gergen, M. M. (ed.). *O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento*, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos/Edunb, 1993; M.M. Gergen. «Rumo a uma metateoria e metodologia feministas nas ciências sociais», in Gergen, M.M. (ed.). *O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento*, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos/Edunb, 1993.

<sup>23</sup> R. K. Unger. «Epistemologia psicológica, feminista e pessoal: transcendendo a contradição», in Gergen, M.M. (ed.) *Op.cit.*

<sup>24</sup> Robert M. Farr. «Representações sociais: a teoria e sua história», in Jovchelovitch, S. e Guareschi, P. *Textos em representações sociais*, Petrópolis, Voze, 1994.

<sup>25</sup> M. M. Gergen. *Op. cit.*

<sup>26</sup> J. Meyer. *Op. cit.*

<sup>27</sup> Serge Moscovici. *La psychanalyse, son image, son public. Op.cit.*

<sup>28</sup> R. Di Leo. 1988. Il luogo della differenza, Milan, *Volontá* 1-2:7-32; Judith Butler. *Gender trouble. Feminism and the subversion of identity*. London/New York, Routledge, 1990; Alison M. Jaggar. Love and knowledge: emotion in feminist epistemology, in Jaggar, A.M. & Burdo, S. R. (eds.), *Gender/ body/ knowledge. Feminist reconstructions of being and knowing*. New Brunswick, NJ, Rutgers University Press, 1992; Gergen, M.M.op.cit.

<sup>29</sup> Di Leo, R. op.cit.

<sup>30</sup> Este último aspecto, contudo, ainda foi pouco desenvolvido na teoria das representações sociais, apesar de trabalhos de referência como o de Jodelet, (Denise Jodelet. *Folie et représentations sociales*, Paris, PUF, 1989), sobre a representação social da loucura enquanto forma de lidar com a alteridade. Maria Auxiliadora Branches. «Reconstrução teórica de um caso de família incestuosas», in Costa, A.O. & Amado, T., (orgs). *Alternativas Escassas: Saúde, sexualidade e reprodução na América Latina*. São Paulo: PRODIR/FCC-Rio de Janeiro, Editora 34, 1994) sobre a família incestuosa e Joffe (H. Joffe. «Eu não», “o meu grupo não”: representações sociais transculturais da AIDS, in Jovchelovitch, S. e Guareschi, P. *Textos em representações sociais*, Petrópolis, Vozes, 1994) sobre os mecanismos de defesa que a AIDS coloca em marcha na representação social.

<sup>31</sup> Chantal Mouff. «Por una política de la identidad nómada», *Debate Feminista*, 7(14), 1996:3-13.

<sup>32</sup> Donna J. Haraway. «Situated knowledges: the Science Question in Feminism

and the privilege of partial perspective», in Haraway, D.J., *Simians, Cyborgs and Women: The reinvention of nature*, New York, Routledge, 1991.

<sup>33</sup> Fabio Lorenzi-Cioldi. *Les androgynes*. Paris, PUF, 1994.

<sup>34</sup> Jean-Claude Abric. *Pratiques sociales et représentations*. Paris, PUF, 1994.

<sup>35</sup> Willem Doise. «Les représentations sociales: définition d'un concept», in Doise, W. & Palmonari, A. *Textes de base en psychologie: l'étude des représentations sociales*. Lausanne, Delachaux et Niestlé, 1986.

<sup>36</sup> Apud Celso Pereira Sá. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1998.

<sup>37</sup> C. Amorós. *Hacia una crítica de la razón patriarcal*, Barcelona, Anthropos, 1985; FranCollin Polyg(u)ssons, *Les Cahiers du Grif*. Bruxelles, June 1976, 12:3-9; La même et les différences, *Les Cahiers du Grif*, Paris, 1983-4, 28, tradução SOS-Corpo, Recife, July 1992; «Différence et différend». in Thébaud, F. (org.) *Histoire des Femmes en Occident: le XXe. siècle*. Paris, Plon, 1992.

<sup>38</sup> Nancy Schor. «Feminism and George Sand: Lettres à Marcie», in Butler, J. & Scott, J.W. (eds.) *Feminists theorize the political*, New York/London, Routledge, 1992; Gayatri Chakravorty Spivak. French feminism revisited: ethics and politics, in Butler, J. & Scott, J.W. (eds.). *Feminists theorize the political*, New York/London, Routledge, 1992; B. Didier. *L'écriture-femme*. Paris, PUF, 1981.

<sup>39</sup> Georges DUBY. Histoire des mentalités, in *L'histoire et ses méthodes*, Paris, Gallimard, 1961.

<sup>40</sup> Serge Moscovic. Des représentations collectives aux représentations sociales: éléments pour une histoire, in Jodelet, D.(org.) *Les représentations sociales*. Op.cit.

<sup>41</sup> C. Herzlich. *Santé et maladie. Analyse d'une représentation sociale*. Paris, Mouton, 1975; Joffe, op.cit.

<sup>42</sup> Michel Gilly. «Les représentations sociales dans le champ éducatif», in Jodelet, D.(org.) *Les représentations sociales*. Paris, PUF, 1989.

<sup>43</sup> Denise Jodelet. «Les représentations socio-spatiales de la ville», in Derycke, P.H. (ed.) *Conceptions de l'espace*, Paris, Université de Paris X, 1982.

<sup>44</sup> Celso Pereira Sá. «Representações sociais: modismo ou teoria consistente». *Psicologia e Sociedade*, ABRAPSO, 10, 1992:45-49.

<sup>45</sup> D. C. Oliveira. «Representações sociais e saúde pública: a subjetividade como partícipe do cotidiano em saúde». *Revista de Ciências Humanas*, UFSC, in press (p. 257).

<sup>46</sup> Uma Narayan. «The project of feminist epistemology: perspectives from a non-western feminist», in Jaggar, A.M. & Bordo, S.R. (eds.), *Gender/ body/ knowledge. Feminist reconstructions of being and knowing*. *Op.cit.*

<sup>47</sup> S. Farganis. «Feminism and the reconstruction of Social Sciences», in Jaggar, A.M. & Bordo, S.R. (eds.) *Gender body knowledge. Feminist reconstructions of being and knowing*. *Op.cit.*

<sup>48</sup> Susan R. Bordo. «The body and the reproduction of femininity: a feminist appropriation of Foucault», in Jaggar, A.M. & Bordo, S.R. (eds.) *Gender/body/knowledge. Feminist reconstructions of being and knowing*. *Op.cit.*

<sup>49</sup> S. Farganis. *op.cit.*

<sup>50</sup> Lia Zanotta Machado. «Gênero, um novo paradigma ?» *Cadernos Pagu* (11) 1998:107-125.

<sup>51</sup> *Idem*, p.116.

<sup>52</sup> Donna J. Haraway. «Situated knowledges: the Science Question in Feminism and the privilege of partial perspective», in Haraway, D.J., *Simians, Cyborgs and Women: The reinvention of nature*, New York, Routledge, 1991:191.

<sup>53</sup> M. M. Lopes. «Aventureiras» nas ciências : refletindo sobre gênero e história das ciências naturais no Brasil. *Cadernos Pagu* (10) 1998: 345-368.

<sup>54</sup> Uma Narayan. *Op.cit.*

<sup>55</sup> M. M. Gergen. *Op.cit.*

<sup>56</sup> Judith Butler. *Gender trouble. Feminism and the subversion of identity*. London/ New York, Routledge, 1990. Sandra Harding. «A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista», *Revista de Estudos Feministas*, 1(1), 1993: 7-32.

<sup>57</sup> Talvez estas sejam duas vertentes que entremeiam a abordagem da diferença e da igualdade, complementadas por uma terceira, a da equivalência ou equidade, na qual o simbólico tem grande peso também, assim como o ataque às chaves de leitura do mundo ditadas pelo pensamento ocidental (Di Leo, *op.cit.*; Del Re, A. Práticas políticas e binômios teóricos no feminismo contemporâneo, *SOS-Corpo*, Recife, agosto, 1993). Estas posições feministas foram discutidas por mim em

mais detalhe em outra ocasião. Angela Arruda. A diferença não é mais aquela, *Revista de Estudos Feministas*, IFICS/UFRJ, 1997, 5(2):255-274.

<sup>58</sup> Françoise Collin. «Praxis de la différence - Notes sur le tragique du sujet», *Les Cahiers du Grif* 1992, 46, tradução SOS-Corpo, Recife, julho 1993.

<sup>59</sup> F. G. Rey. *La investigación cualitativa en Psicología. Rumbos y desafíos*. São Paulo, EDUC, 1999; Boaventura Souza Santos. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. *Op.cit*

<sup>60</sup> Carol Gilligan. *A different voice. Psychological theory and women's development*. Cambridge /London, 1982.

<sup>61</sup> Serge Moscovici. «Des représentations collectives aux représentations sociales: éléments pour une histoire», in Jodelet, D.(org.) *Op.cit. L'âge des foules*. Paris, Fayard, 1989a; Serge Moscovici & I. Marková. Presenting Social Representations: a conversation. *Culture & Psychology*,4(3) 1998:371-410.

<sup>62</sup> Serge Moscovici. *Op.cit*, 1989a.

<sup>63</sup> Serge Moscovici. Préface, in Herzlich, C., *Santé et maladie. Analyse d'une représentation sociale*. *Op.cit*.

<sup>64</sup> Serge Moscovici & Ivana Marková. «Presenting Social Representations: a conversation». *Op.cit*.

<sup>65</sup> C. Geertz. *O saber local. Novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, Vozes, 1997.

<sup>66</sup> *Idem*, p.116.

<sup>67</sup> Serge Moscovici & Ivana Marková. *Op.cit*.

<sup>68</sup> Moscovici vai criar uma outra teoria para aproximar-se do que seria uma discussão relacionada com o poder: a psicologia das minorias ativas, que não abordarei aqui (Moscovici, 1979).

<sup>69</sup> Lucien Lévy-Bruhl. *L'expérience mystique et les symboles chez les primitifs*. Paris, Félix Alcan, 1938; Jean Piaget. *A representação do mundo na criança*. Rio de Janeiro, Record, s.d. (1ª edição 1926). *O julgamento moral na criança*. São Paulo, Mestre Jou, 1977; Carol Gilligan. *Op.cit*, respectivamente.

<sup>70</sup> A questão das metodologias demandaria um capítulo específico. Tanto as metodologias feministas quanto aquelas utilizadas nos estudos de representações



sociais são alvo constante de debate e encontram-se em ativo movimento, tornando impossível sua discussão aqui.

<sup>71</sup> Teresa de Lauretis. «A tecnologia de gênero». Hollanda, H.B.(org.) *Tendências e impasses - o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994; Tania Navarro Swain. «Au delà du binaire: les «queers» et l'éclatement du genre», in Diane Lamoureux (org.). *Les limites de l'identité sexuelle*. Montréal, Remue Ménage, 1998.

<sup>72</sup> Verena Aebischer. *Les femmes et le langage: représentations sociales d'une différence*. Paris, PUF, 1985; «Représentation de soi, projets professionnels : goût et absence de goût pour les sciences chez les adolescents», in Ephesia, *La place des femmes, les enjeux de l'identité et de l'égalité au regard des sciences sociales*. Paris, La Découverte, 1995.

<sup>73</sup> Fábio Lorenzi-Cioldi. *Les androgynes*. Paris, PUF, 1994.

<sup>74</sup> Gerard Duveen & B. Lloyd. *Gender identities and education. The impact of starting school*. London, Harvester Wheatsheaf, 1992. Lloyd, B. Différences entre sexes, in Moscovici, S. (dir.). *Psychologie sociale des relations à Autrui*. Paris, Nathan, 1994.

<sup>75</sup> Lloyd. *Op.cit.*, p. 292.

<sup>76</sup> Gerard Duveen. «The development of social representations of gender». *Papers on Social Representations* 2 (3), 1993:171-177; «A construção da alteridade», in Arruda, A. *Representando a alteridade*. Petrópolis, Vozes, 1998.

<sup>77</sup> Fátima Flores P. «Representación social de la feminidad y masculinidad en un grupo de profesionales de la salud mental: discusión en torno a la categoría de género». *Papers on social representations*, 6 (2), 1997: 95-108.

<sup>78</sup> Maria Auxiliadora Banchs. «Representaciones sociales al umbral del siglo XXI». *Op.cit.*

<sup>79</sup> Boaventura Souza Santos. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro, Graal, 1989:150.

RESUMO

Este texto busca acompanhar o encontro entre a teoria feminista e a psicologia, focalizando os pontos de contato existentes entre a primeira e a teoria das representações sociais de Serge Moscovici. Parte da premissa de que as teorizações da ciência germinam no solo do tempo histórico ao qual pertencem. Traça paralelos entre a teoria feminista e a teoria das representações sociais na atual transição paradigmática, localizando no projeto epistemológico de cada uma a fonte de afinidades e dissonâncias. Finaliza com interrogações sobre o estágio atual daquele encontro e o potencial da fecundação mútua entre as duas teorias.

**PALAVRAS-CHAVE:** representações sociais, psicologia social, teoria feminista, epistemologia.

ABSTRACT

This text intends to follow the encounter of social psychology and feminist theory. It will mention the existing contact points between this and the theory of social representations of Serge Moscovici. This comes from the premise that theorizations in science germinate in the sands of time where they historically belong. The text then traces parallels between the feminist theory and the theory of social representations in the paradigmatic transition, focalising on the epistemologic project of each as the source of affinities and dissonances. This ends up with questions about the state of this encounter and the potential for mutual fertilization between these two theories.

**KEY-WORDS:** social representations, social psychology, feminist theory, epistemology.